

## AFROFUTURISMO E EDUCAÇÃO: UM ENCONTRO COM AS HISTÓRIAS EM QUADRINHOS

Mariana Virgínia Patrocínio<sup>1</sup>  
André Luiz Silva Souza<sup>2</sup>

### RESUMO

O presente artigo apresenta, na perspectiva da Educação, o Afrofuturismo como um movimento para refletir sobre a identidade cultural negra e suas projeções para o futuro. Aborda, ainda, as histórias em quadrinhos, enquanto atividade que compreende essa arte como recurso pedagógico para a representatividade negra.

**Palavras-chave:** Afrofuturismo; Educação; histórias em quadrinhos; futuro.

### ABSTRACT

This article presents, from the perspective of education, Afrofuturism as a movement to reflect on black cultural identity and its projections for the future. It also addresses Comics, as an activity that understands this art as a pedagogical resource for black representation.

**Keywords:** Afrofuturism; Education; comics; future.

### INTRODUÇÃO

Toda projeção de futuro parte do princípio da relevância da valorização do passado, uma história que seja baseada na herança ancestral. Para vislumbrar o futuro, é necessário um encontro com o passado, uma espécie de retorno através do que foi ensinado, pois pensar no futuro requer olhar para trás e se sentir contemplado com sua história e com a possibilidade de buscar caminhos. Entretanto, muitas vezes, o lugar no presente pode não transmitir a visão de futuro da qual se ostenta. Então, como trazer para esse lugar um novo olhar sobre o passado? Como persistir nesse futuro?

Criado no início da década de 1990 por Mark Dery, crítico cultural e acadêmico, o Afrofuturismo, termo usado para fomentar as criações de artistas negros relacionadas à ficção e tecnocultura, busca questionar e agir a partir das reflexões sobre o futuro negro, resgatando a importância, não só de o negro estar na cena, mas de ser o protagonista, escrevendo sua própria história. O conceito surge com respostas para muitas indagações,

---

<sup>1</sup> Mestranda em Gestão e Tecnologias Aplicadas à Educação (GESTEC) na UNEB; professora da Rede Municipal de Salvador.

<sup>2</sup> Doutor em Comunicação e Culturas Contemporâneas pela UFBA; professor da UNEB.

visto que o “Afrofuturismo é esse movimento de recriar o passado, transformar o presente e projetar um novo futuro através da nossa própria ótica” (Kabral, 2018, p. 1).

Diante disso, falar em Afrofuturismo é cunhar um futuro com quem agora pode aprender sobre sua trajetória, reivindicando o que a história, em algum momento, deixou de contar. O Afrofuturismo é capaz de fornecer noções de futuro para além de suas obras, em que pessoas negras podem encontrar outros modelos necessários de representação (Souza, 2019). No Brasil, esse movimento se expande, influenciando, se ramificando em vertentes e percorrendo os multiletramentos<sup>3</sup> na cibercultura.

Assim, discorrer sobre Afrofuturismo também é pensar no futuro de quem agora pode aprender sobre sua história ancestral, compreendendo sobre sua identidade e traçando caminhos para muitas leituras, como nas Artes e na Educação. A Educação, portanto, compreende-se como principal vertente, de modo que reflete a mudança, na qual o sentimento de pertencimento pode garantir a defesa da sua história e emancipação.

A trajetória em diáspora dos africanos escravizados e toda a história de desumanização e violência ultrapassam gerações, e a Educação é o espelho desta desigualdade. Pensar em um futuro negro, em que o passado foi negado, é mesmo uma busca para o Afrofuturismo, para que a escravidão de outrora não continue a se tornar o encarceramento negro dos dias atuais. Conforme Munanga (2019), os descendentes da ancestralidade africana tiveram sua humanidade negada e a cultura inferiorizada no mundo ocidental. Visto isso, deve-se persistir a busca por elementos para afirmação de identidade.

A necessidade de fugir de determinismos raciais faz desse movimento um afluente para a ancestralidade, para o não apagamento dos saberes ancestrais, de maneira a trazer o passado como um fruto de pertencimento, colocando o ser como protagonista dos saberes, não só como uma questão genética ou hereditária, mas como entendimento do que se é hoje. Dessa maneira, torna-se relevante uma busca sensível e intencional da história e das potencialidades ancestrais negras. Como concorda Oliveira (2003, p. 50), “a preservação da memória dos antepassados não é uma estagnação e sim uma causa para o dinamismo

---

<sup>3</sup> Multiletramentos é um termo criado pelo New London Group (Grupo de Nova Londres, em português) (NLG/GNL), no ano de 1996, e divulgado através de seu manifesto intitulado “A Pedagogy of Multiliteracies: designing social futures”, traduzido como “Uma Pedagogia dos Multiletramentos: projetando futuros sociais”.

característico de sua cultura, onde a atualização deve sempre ser atrelada à sabedoria dos ancestrais”.

Nesse cenário, a narrativa do Afrofuturismo aborda as construções fictícias das realidades e mitos africanos, explorando questões históricas nos contextos das negritudes, para um mundo pouco explorado, devido ao racismo. Como exemplos dessas abordagens, tem-se a ficção científica, a fantasia, a inteligência artificial e a cibercultura. De acordo com Lévy (1999, p. 17), a cibercultura pode ser entendida como um “conjunto de técnicas (materiais e intelectuais), de práticas, de atividades, de modos de pensamento e de valores que se desenvolvem juntamente com o crescimento do ciberespaço”. Diante disso, o Afrofuturismo busca originar ações de mudanças ao serem abordadas nesse conceito.

A necessidade de permanecer no futuro faz da cultura negra um elemento resistente, que extrapola os pensamentos dentro da tecnologia, manifestando-se de diversas formas. Desse modo, os trabalhos desenvolvidos dentro dos espaços de aprendizagem são importantes, tanto para o ensino e para a aprendizagem quanto para a inserção e o crescimento no ciberespaço.

Assim sendo, o presente texto tem como objetivo discutir o movimento do Afrofuturismo como contribuição para o fortalecimento da identidade cultural negra, alinhado ao poder das histórias em quadrinhos e ao conhecimento através das histórias do cotidiano das crianças negras, refletindo sobre essa arte como recurso que favorece pedagogicamente a representatividade.

## **A CRIANÇA NEGRA E O SEU OLHAR PARA O FUTURO**

O brincar, a fantasia e a criatividade são elementos existentes na infância. Quando a criança brinca, leva para o seu imaginário todo aprendizado que já adquiriu, estando sua linguagem envolvida em uma reprodução do meio social em que vive. Historicamente, construíram-se atividades e brincadeiras a partir de uma perspectiva eurocentrada, em que, os personagens negros, quando representados, até mesmo em caráter lúdico, eram vistos com menosprezo. Assim, conforme Furlan e Silva (2023), nota-se a falta de

representatividade racial dentro das escolas, o que vem associado ao brinquedo, e como ela pode ser decisiva na construção da imagem e da autoimagem das crianças negras.

Os processos de ensino e aprendizagem, quando pensados a partir das questões étnico-raciais e da identidade desse sujeito, podem encontrar sinais positivos. Para Oliveira (2022), afrorreferencialmente, o processo de aprendizagem se dá no corpo inteiro, e não somente no cérebro, materializando-se através de recursos populares. A autora complementa que um corpo negro vivido na modernidade, sem considerar o tempo circular a partir de princípios ancestrais africanos, deve ser tratado com muito respeito, exaltando os ritos de passagens e de brincadeiras (Oliveira, 2022).

Propor a uma criança o desenho do seu corpo no início da vida escolar, mais propriamente na educação infantil, pode revelar sinais de como esse sujeito se vê e como deseja ser visto, o que, de certa maneira, ultrapassa as visões do currículo e se depara com subjetividades de pertencimento e aceitação. Esse sujeito, no desenvolvimento de suas ações, desenhos e atividades, projeta-se no futuro, no entanto, tais projeções muitas vezes são baseadas em um ensino eurocentrado, ou seja, em um futuro que não é negro.

As reflexões baseadas na prática pedagógica se referem sempre ao envolvimento afetivo, ou seja, para perceber essas questões, é necessário se ater, primeiramente, à sensibilidade e ao entendimento da importância da diversidade em sala de aula. Essa construção é possível a partir da prática docente crítica e de seus desdobramentos, de modo que a construção da aprendizagem de uma criança está conectada a processos que envolvem a sua subjetividade, ganhando, assim, significância no seu cotidiano, pois sua vivência também é levada para aquele lugar. Dessa forma, envolve-se o movimento dialético entre o fazer e o pensar sobre o fazer, através da reflexão sobre a prática, conforme Freire (2009).

Por conseguinte, a construção da aprendizagem depende de práticas pedagógicas identitárias. Quando situações que fazem parte da realidade e dos anseios de uma criança são trabalhadas, elas são, acima de tudo, um processo de esperança no futuro, visto que ocorrem para que haja uma emancipação dos sujeitos.

As reflexões baseadas no fazer pedagógico e o olhar para o envolvimento significativo da criança sobre a sua maneira de se ver faz perceber que o Afrofuturismo rompe com as representações infantis eurocêtricas, possibilitando entender que o futuro é

possível a partir das representações negras afrodescendentes. De acordo com Oliveira (2022), as crianças devem participar de uma gama de experiências que as coloquem frente a frente com os desafios e situações, para que sejam capazes de desenvolver suas formas de performar, protagonizar e pretagonizar, discernindo e emitindo opiniões.

Dessa maneira, pensar no futuro requer um novo olhar, uma mudança de paradigma. Se o Afrofuturismo é um elemento para trazer à escola pertencimento científico e tecnológico, também pode refletir uma relação cultural com a sociedade, contribuindo para que a escola amplie práticas que possam oportunizar pensamentos criativos.

Nesse processo, deve-se considerar o papel dos sujeitos, onde se localizam e quais as suas realidades e necessidades. Assim, sendo o Afrofuturismo criado em meio a um movimento das artes afrocentradas, pode também fazer parte de uma reparação histórica e social, quando busca implementar o que parecia distante, trazendo a ciência e a tecnologia aos olhos de todos também como produção negra.

No contexto da educação e na perspectiva da emancipação, compreende-se o Afrofuturismo como um conceito que perpassa pela originalidade, inovação e criatividade, desdobrando-se numa visão crítica de currículo, assim, ainda pode ser entendido como uma articulação entre práticas educacionais e teorias. Ele não deve estar estagnado em um processo cumulativo de tentativas, sua função é buscar a transformação para que se vislumbre o futuro. Para Nogueira (2014), trata-se de um artefato social e cultural, que precisa ser compreendido e discutido, a partir de suas determinações históricas e sociais, e deve ser analisado considerando a comunidade onde a escola está inserida.

Por esse viés, ao refletir sobre educação, seus conectivos de mudanças efetivas na formação de cada sujeito e suas implicações no que diz respeito ao ambiente educacional, pensa-se nas motivações que surgem na sociedade, as quais podem ocorrer dentro da escola, e como esses elementos podem reverberar em seu entorno. Dessa forma, a relevância das questões que surgem a partir das abordagens afrofuturistas envolverá, necessariamente, as discussões sobre políticas públicas, como uma ação voltada para concretizar direitos e garantir necessidades, a partir do princípio em que se pensa também em ações afirmativas.

A Lei nº 10.639, que estabelece o ensino da história e cultura afro-brasileira e africana, busca promover as políticas de reparação da cultura e memória dos antepassados

negros (Brasil, 2003). Essa lei reflete sobre a apreciação do pensamento e das ideias na história e cultura, derrubando conceitos preestabelecidos e ressignificando valores. Certamente, o afrofuturismo provocou uma inspiração para a criação da lei, já que ele nasce antes, nos movimentos de luta, nas artes plásticas, no cinema e na literatura, e se desenvolveu concomitante à necessidade da legislação.

A busca por reparação percorre vários momentos da história brasileira, pois os movimentos de luta anteriores à lei, como o Movimento Negro Unificado (MNU)<sup>4</sup>, já buscava um futuro negro com conquistas que garantiriam a sobrevivência da população negra, a partir da justiça de direitos e dignidade. Com isso, vale ressaltar que muitos afrofuturistas do passado construíram pontes para a implementação de leis que fortaleceram a luta contra a discriminação racial e o apagamento da cultura afrodescendente, portanto, o movimento do Afrofuturismo vem restabelecer todo esse processo histórico.

---

<sup>4</sup> Movimento Negro Unificado contra a discriminação racial foi criado em 1978, para ser um instrumento de luta da comunidade negra. Este movimento tem como princípio básico o trabalho de denúncia permanente de todo ato de discriminação racial. Assim, configurou a constante organização da comunidade para enfrentamento de todo e qualquer tipo de racismo.

## **AFROFUTURISMO: AS HISTÓRIAS EM QUADRINHOS COMO REPRESENTATIVIDADE FICTÍCIA E HERÓICA**

Conectar passado e futuro em narrativas descolonizadoras é uma forma de empoderamento negro através de construções que envolvem os multiletramentos, um trabalho pensado a partir de mídias diversas, envolvendo múltiplas linguagens dentro da cibercultura. Essas produções dão enfoque à afrocentricidade e trazem questionamentos sobre a permanência negra no futuro, principalmente no que se refere à sua cultura e ancestralidade.

Entender em que futuro se encontrará as potencialidades negras é relevante, e essa ideia está atrelada à construção de temáticas de representações negras. A população negra afro-brasileira precisa, em caráter de urgência, ser aquela que narra suas próprias realidades, possibilitando, assim, novas vias para o restabelecimento de sua humanidade, defesa e sobrevivência (Njeri; Ribeiro, 2019).

A representatividade negra sempre esteve distante do imaginário das crianças, principalmente em filmes, histórias em quadrinhos e outros meios de narrativas ficcionais, relacionados a grandes descobertas e heroísmos. Essas obras aquecem os mercados cinematográficos, trazendo milhões de expectadores e aguçando a curiosidade de muitas crianças que remontam as respectivas histórias, em seus cotidianos, através das brincadeiras.

Para a negritude, essas representações são pouco exploradas no que diz respeito aos personagens, que, muitas vezes, são desenvolvidos em papéis coadjuvantes ou antagonistas. Mesmo já existindo uma mudança, ainda é muito forte a questão da representação negra no cotidiano, principalmente por aparecerem estereotipadas.

Quando o negro é representado à consciência de um indivíduo, os objetos que estão na sua consciência, tais como estereótipos e preconceitos, podem modelá-lo de tal forma, que, mesmo na sua ausência, o conceito o coloca estigmatizado em papéis e funções, estereotipado negativamente e subordinado, e à sua visão concreta

esse conceito é ativado, provocando a discriminação e a exclusão (Silva, 2011, p. 30).

A criatividade nas criações artísticas para o resgate da cultura e dos saberes africanos prova que os conceitos estigmatizados de personagens negros são advindos de muitos preconceitos. Nesse ponto, o Afrofuturismo dialoga com as representatividades negra e de gêneros, subvertendo as representações de heroínas e heróis nas produções artísticas, e sendo capaz de fornecer noções de futuro para além de suas obras. Ao entrar em contato com essas histórias, pessoas negras encontram outros modelos necessários de representação, reforçando a luta antirracista (Souza, 2019).

A ciência, durante o processo histórico, esteve voltada para as descobertas científicas dentro de uma visão eurocentrada, tendo em vista que, ao ser produzida por outras culturas, era colocada em um lugar inferior, sendo sempre subjugada. Sendo assim, não seria diferente considerar que esse julgamento ocorresse também em relação às produções artísticas com a respectiva temática. Com isso, é preciso refletir que ficções científicas com super-heróis e seus poderes sobrenaturais, aqueles que lutam contra alienígenas, prontos para dizimar a humanidade, podem existir também com o protagonismo negro.

Nesse sentido, considerando que já existem representações negras nesses papéis, é possível evidenciar que o Afrofuturismo faz parte desse novo caminho, e, mesmo que anteriormente essas representações não tenham sido nomeadas com esse conceito, ele vem quebrando barreiras históricas como um instrumento poderoso para reivindicar direitos através das artes e da ficção. “A temática afrofuturista surge como um convite para a criação de narrativas afro-inspiradoras, em todas as esferas possíveis” (Kabral, 2018, p. 1).

A série de animação *Choque no Sistema*, produzida pela Wanner Bross Kids conta a história de Super Choque, um adolescente negro que, ao ser contaminado por um gás tóxico, adquire superpoderes e decide lutar contra os vilões que atormentam a sua cidade. Nessa produção, há uma grande relevância de personagens negros, evidenciando uma visão positiva para as mudanças que podem ocorrer nos diversos contextos. A Figura 1 apresenta o personagem Super Choque, protagonista da série Choque no Sistema.

Figura 1 - Personagem Super Choque



Fonte: Isto É (2021).

A inspiração de heróis afrodescendentes, em todos os lugares que impõe resistência, apresenta histórias de coragem que devem ser contadas às crianças, pois o valor simbólico desse personagem representa a ideia de justiça no sentido de reparação. A história em quadrinhos, na sua trajetória, traçou um caminho para a aceitação enquanto arte, modificou-se, avançou com o tempo e, nesse encontro com o Afrofuturismo, com inovação e a livre expressão, trouxe para quem cria a possibilidade de se ver e ver o outro nessas representações, libertando a história afrodescendente de uma narrativa eurocêntrica.

Em outra abordagem, é possível conhecer criações afrofuturistas, com olhares em um tempo para além do fictício, mas de heroísmo e coragem. A história em quadrinhos (HQ) *Afrofuturistas: O Ataque dos Kips*, do roteirista Marcelo Lima, apresenta a história de uma família negra baiana, na qual três irmãos soteropolitanos se aventuram para proteger seu pai de criaturas misteriosas. Durante a saga, eles conhecem os segredos ancestrais contados por sua avó e utilizam esses segredos e a experiência adquirida nos jogos de videogame para sobreviverem aos ataques. A Figura 2 apresenta os personagens principais da história, os afrofuturistas.

Figura 2 – Afrofuturistas e o Ataque dos Kips



Fonte: Lima (2023).

Através de uma narrativa potente em uma leitura instigante, a história vem carregada de humor em um dialeto baiano. Além disso, apresenta-se através de uma ilustração rica em detalhes, proporcionando o conhecimento sobre ancestralidade e voltado, também, à importância da identidade e do pertencimento, justamente em uma cidade tão representativa como Salvador.

O autor, ao ser questionado sobre sua inspiração, explica uma questão pertinente em relação ao desenvolvimento da aprendizagem atrelado à importância da criatividade para o ensino. Para ele, a ideia da HQ surgiu a partir de suas memórias de infância, quando brincava de “faz de conta”: “Em minha fértil imaginação, eu e meus amigos éramos como membros de uma espécie de clubinho nerd e o quintal da minha casa virava o lugar seguro para nossas imaginações gerarem personagens, mundos e grandes aventuras” (Mercado, 2023, p. 2)<sup>5</sup>.

Dessa maneira, não foge ao real o pensamento de que as ações do Afrofuturismo podem potencializar a visão de futuro de crianças negras, evidenciando uma ligação entre

---

<sup>5</sup> Trecho de uma entrevista de Marcelo Lima ao site Escotilha (Mercado, 2023).

criatividade, inovação e oportunidade de criação. Conforme Souza (2019), os horizontes de uma garotinha negra se expandem, fazendo-a desejar ser astronauta, só porque a imagem de uma personagem lhe diz que isso é possível. O Afrofuturismo nos faz sonhar, pois as reflexões baseadas na prática pedagógica, as escolhas das crianças durante o processo de ensino e aprendizagem e a importância de se ver representado em papéis diversos torna relevante o respeito às diferenças e a valorização dos seus ancestrais.

Nesse lugar de pensamento criativo e considerando o papel da educação no contexto social, a escola também deve pensar onde se localizam esses sujeitos, quais as suas realidades e necessidades, pois, ao se distanciar dessas originalidades, ela se coloca no lugar do abandono, da evasão. Visto isso, pode ser libertador pensar em quais estratégias e metodologias podem envolver o fazer do presente, com um olhar de pertencimento e apropriação para o futuro.

As HQs seriam um recurso importante para uma produção interativa de comunicação, envolvendo o leitor em múltiplas ideias, desenvolvendo sua criatividade, lançando recursos e caminhos para a exploração de várias culturas. Segundo Ramos (2012), isso também leva a pensar que todas as manifestações históricas têm uma linguagem própria, mas que o jogo descobridor e construtor com o outro possibilita o inter-relacionamento com os aspectos cognitivos, afetivos e sociais da realidade, com forte vinculação cultural, porque associa características de múltiplas linguagens. Assim, pensa-se que, na contemporaneidade, o movimento trazido pelo Afrofuturismo pode contribuir nessas construções.

Como arte, as HQs constroem histórias, percorrendo o imaginário e as questões subjetivas de cada criança, através da sua capacidade de retratar a realidade, podendo considerar os aspectos em que toda história é um caminho de mudanças. Pensando no futuro, é a partir do retrato da realidade que o poder da comunicação de recursos, como as histórias em quadrinhos, pode contribuir com outras narrativas, induzindo a análise e a discussão sobre variadas temáticas com o emprego de diversas mídias digitais.

Dessa forma, se, na contemporaneidade, o Afrofuturismo vem criando certa inclusão, no sentido da interatividade e inovação com os saberes ancestrais, em meio aos desafios, as HQs são um recurso para o conhecimento, em que se pode evidenciar continuamente a contribuição de todas as culturas. Conforme Giesta (2002, p. 165),

entende-se que, através das HQs, “são veiculadas informações pertinentes e que podem contribuir para a conscientização das pessoas”, permitido, assim, pensar em questões sociais nas ações coletivas dos sujeitos e ampliando criações e pensamentos no futuro.

## **CONSIDERAÇÕES FINAIS**

Compreender a existência de um futuro está relacionado com o resgate ao passado, um passado em que seja valorizada toda a trajetória ancestral, percorrendo os fatos da história que constroem estruturas para o presente. Nesse processo histórico, as ações dos sujeitos se modificam, surgindo movimentos de mudanças para responder ao que possa surgir de novo, sendo assim, estar no presente não será suficiente se não houver uma estrutura segura para o futuro. Diante disso, compreende-se o Afrofuturismo como um movimento que se organiza e se percebe interconectado por ideias, podendo potencializar horizontes e enriquecer a educação.

As experiências com as crianças, no presente, devem ser motivadas a todo o momento, a partir de práticas que fomentem o reconhecimento de si mesmo, de sua relação com o outro e com o mundo, evidenciando a importância dos mitos e histórias de origem africana, podendo, assim, criar possibilidades, em que a educação amplie sua capacidade de inovar. Em uma visão afrofuturista, o movimento de interligação com a educação também seria uma tentativa pedagógica de destituir as tecnologias da colonialidade, que ainda estão impregnadas em todo seu processo histórico.

As histórias em quadrinhos, em seus usos sociais, carregam narrativas múltiplas, em relações com diversos tempos e espaços, e se encontram com o Afrofuturismo para trazer mudanças provocadas na sociedade, pensando na perspectiva de que reflitam no futuro e desenvolvam os personagens para que possam dialogar com a realidade do leitor. Nesse sentido, a relevância da representatividade negra nos quadrinhos, em narrativas ficcionais ou reais, pode ser garantida a partir do olhar do leitor como agente de transformação, reconhecendo-se nos personagens e se percebendo como sujeito de direitos.

Diante disso, é possível compreender a preservação da cultura no presente, tendo em vista que, em contextos anteriores, os ancestrais lutaram para um futuro mais justo, contra as muitas tentativas do seu apagamento. Assim, repercute-se a partir de criações que

surgem da capacidade dos povos afrodescendentes de se ressignificarem e sobreviverem, no que se refere à ciência, à história e à ancestralidade.

Entender as mudanças na sociedade é o reconhecimento de que, com o Afrofuturismo, podem surgir outras visões e caminhos para o enfrentamento do racismo e de toda forma de opressão à cultura afrodescendente. Dessa maneira, os questionamentos não se encerram aqui, pois a sua busca ocorre ao mesmo tempo em que a sociedade se constrói e se movimenta. Assim, o fortalecimento das conquistas de hoje, através das mudanças que a educação pode promover, permite que o Afrofuturismo cresça ainda mais e ultrapasse fronteiras, persistindo em um tempo que há de vir.

## REFERÊNCIAS

BRASIL. Lei nº 10.639, de 9 de janeiro de 2003. Altera a Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996, que estabelece as diretrizes e bases da educação nacional, para incluir no currículo oficial da Rede de Ensino a obrigatoriedade da temática "História e Cultura Afro-Brasileira", e dá outras providências. **Diário Oficial da União**: seção 1, Brasília, DF, ano 140, n. 8, 10 jan. 2003b. Disponível em: [https://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/leis/2003/110.639.htm](https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/2003/110.639.htm). Acesso em: 10 ago. 2023.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da Esperança**. 16. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2009.

FURLAN, Marta Regina, SILVA, Alex Sander da Infâncias, Experiências e os sentidos de ser da criança negra na Educação Infantil. **Zero-a-Seis**, Florianópolis, v. 25, n. 47, p. 92-111, jan./jun. 2023.

GIESTA, Nágila Caporlíngua. História em quadrinhos: recurso da educação ambiental formal e informal. In: RUSCHEINSKY, Aloísio (org.). **Educação Ambiental**: abordagens múltiplas. 2. ed. Porto Alegre: Penso, 2012. p. 206-231.

ISTO É. Filme live action de ‘Super-Choque’ é confirmado e será lançado pela HBO Max. **Isto é**, [s. l.], 2021. Disponível em: <https://istoe.com.br/filme-live-action-de-super-choque-e-confirmado-e-sera-lancado-pela-hbo-max/>. Acesso em: 11 ago. 2023.

KABRAL, Fábio. Afrofuturismo: Ensaio sobre narrativas, definições, mitologia e heroísmo. **Medium**, [s. l.], 2018. Disponível em: [https://medium.com/@ka\\_bra/2018](https://medium.com/@ka_bra/2018). acessado em: 20 ago. 2023.

LÉVY, Pierre. **Cibercultura**. São Paulo: Ed. 34, 1999.

LIMA, Marcelo. **Os Afrofuturistas**: O ataque dos Kips. São Paulo: Oh! Outra história, 2023.

MERCADO, Alejandro. HQ ‘Os Afrofuturistas – o ataque dos Kips’ explora o Afrofuturismo para o público infante-juvenil. **Escotilha**, [s. l.], 19 maio 2023. Disponível em: <https://escotilha.com.br/literatura/hq-os-afrofuturistas-o-ataque-dos-kips-marcelo-lima-lancamento-salvador/>. Acesso em: 15 ago. 2023.

MUNANGA, Kabengele. **Rediscutindo a mestiçagem no Brasil**: identidade nacional versus identidade negra. 5. Ed. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2019.

NJERI, Aza; RIBEIRO, Katiúscia. Mulherismo Africana. **Currículo sem fronteiras**, [s. l.], v. 19, n. 2, p. 595-608, maio/ago. 2019. Disponível em: <https://www.curriculosemfronteiras.org/vol19iss2articles/njeri-ribeiro.pdf>. Acesso em: 12 ago. 2023.

NOGUEIRA, Renato. **O Ensino de Filosofia e a Lei 10.639**. Rio de Janeiro: Pallas, 2014.

OLIVEIRA, David Eduardo de. **Cosmovisão Africana no Brasil**: elementos para uma filosofia afrodescendente. Fortaleza: LCR, 2003.

OLIVEIRA, Kiusam Regina de. Literatura negro-brasileira do encantamento e as infâncias: Reencantando corpos negros. **Feira literária Brasil – África**, Vitória, 2022. Disponível em: <https://periodicos.ufes.br/flibav/article/view/29029>. Acesso em: 12 ago. 2023.

RAMOS, Paulo. **A leitura dos quadrinhos**. São Paulo: Contexto, 2012.

ROJO, Roxane; MOURA, Eduardo. **Multiletramentos na escola**. São Paulo: Parábola Editorial, 2012.

SILVA, Ana Célia da. **A representação Social do negro no livro didático**: o que mudou? Por que mudou? Salvador: EDUFBA, 2011.

SOUZA, Waldson Gomes de. **Afrofuturismo**: o futuro ancestral na literatura brasileira contemporânea. Dissertação (Mestrado em Literatura) – Universidade de Brasília, Brasília, DF, 2019. Disponível em: [https://repositorio.unb.br/bitstream/10482/35472/1/2019\\_WaldsonGomesdeSouza.pdf](https://repositorio.unb.br/bitstream/10482/35472/1/2019_WaldsonGomesdeSouza.pdf).